



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

EVILAZIO PEQUENO DE SOUSA

**ASPECTOS DA REALIDADE SILENCIADA DO SERTÃO NORDESTINO NO
ROMANCE *VIDAS SECAS* DE GRACILIANO RAMOS**

Presidente Dutra - MA
2020

EVILAZIO PEQUENO DE SOUSA

**ASPECTOS DA REALIDADE SILENCIADA DO SERTÃO NORDESTINO NO
ROMANCE *VIDAS SECAS* DE GRACILIANO RAMOS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras
Português da Universidade Estadual do
Maranhão-UEMA, Centro de Estudos
Superiores de Presidente Dutra/CESPD como
pré-requisito para obtenção do título de
Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Jonh Jefferson do N. Alves.

Sousa, Evilazio Pequeno de.

Aspectos da realidade silenciada do sertão nordestino no romance Vidas Secas de Graciliano Ramos / Evilazio Pequeno de Sousa. – São Luís, 2020.

42 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

Orientador: Prof. Me. Jonh Jefferson do Nascimento Alves.

1.Vidas Secas. 2.Modernismo. 3.Graciliano Ramos. 4.Regionalismo nordestino I.Título.

CDU: 821.134.3(81).09

EVILAZIO PEQUENO DE SOUSA

**ASPECTOS DA REALIDADE SILENCIADA DO SERTÃO NORDESTINO NO
ROMANCE *VIDAS SECAS* DE GRACILIANO RAMOS**

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professor Orientador

Prof. Me. Jonh Jefferson do Nascimento Alves

Mestre em Letras – UERN

Prof. Esp. Wlga Alves de Sousa

Especialista em Psicologia da Educação – UEMA

Prof. Esp. Antônia Karine do Nascimento Rosendo

Especialista em Literatura Contemporânea – Faculdade São Luís

Dedico esta monografia primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia. Ao meu pai, minha mãe e aos meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

A Deus a honra e a glória. Seria injusto iniciar esses agradecimentos de outra forma, pois, Deus, em toda a minha trajetória de vida foi o companheiro principal que abriu caminhos, portas e me ensinou a ser forte quando tudo parecia impossível. Obrigado, meu Deus, por sua presença grandiosa em minha vida.

Agradecimento especial aos meus amigos que sempre acreditaram e me incentivaram na busca da concretização deste sonho, e principalmente por contribuírem de forma direta ou indireta em diversos aspectos da minha vida.

Agradeço aos colegas que conheci ao longo do curso, por todos os momentos de conversas, companheirismo, incentivo e estudo. No meu coração tem um lugar reservado para cada um.

Sou imensamente grato a todo o corpo docente da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, que sempre transmitiu seu saber com bastante maestria e profissionalismo, e em especial, ao meu professor e orientador Jonh Jefferson, pela sua paciência, disponibilidade e dedicação ao longo da pesquisa, de quem os conhecimentos foram de grande valia para a construção deste trabalho.

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha família: aos meus quatro incríveis irmãos que me impulsionam todos os dias em minha caminhada; aos meus pais, meus heróis, meus professores de vida, o meu eterno agradecimento. Obrigado por serem em minha vida verdadeiros “fabianos” que incansavelmente lutam por melhorias de vida. Esta monografia é a prova evidente de que os esforços pela minha educação não foram em vão e valeram a pena.

Enfim, agradeço a todos que fizeram parte deste sonho e o tornaram possível.

*“Há uma nação de homens excluídos da nação.
Há uma nação de homens excluídos da vida. Há
uma nação de homens calados, excluídos de toda
palavra. Há uma nação de homens combatendo
depois das cercas. Há uma nação de homens sem
rosto, soterrados na lama, sem nome, soterrados
pelo silêncio.”*

(Pedro Tierra, 1996)

RESUMO

Esta monografia busca compreender e analisar o romance *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos, em uma análise de forma aprofundada, destacando, assim, o momento em que foi escrita a referida obra, tendo como foco as fases do Modernismo, formando um paralelo entre o movimento modernista e a importância deste movimento literário na vida do autor. O objetivo principal deste trabalho foi de enfatizar os aspectos principais da obra *Vidas Secas*, bem como a postura de Fabiano com ênfase no seu silêncio em meio ao seu mundo oprimido, sendo ele um retirante nordestino que vive em constante esforço por uma vida digna. Outro ponto relativamente importante nesta pesquisa se remete à “seca”, que em um olhar mais amplo, se percebe que este fator não acontece somente por questões geográficas, mas se referem à falta de políticas públicas, à injustiça social e ao descaso do governo com as classes baixas, se tornando não somente uma obra literária, mas uma denúncia social.

Palavras-chave: Vidas Secas; Modernismo; Graciliano Ramos; Regionalismo Nordeste.

ABSTRACT

This monograph seeks to understand and analyze the novel *Vidas Secas* (1938) by Graciliano Ramos, in an in-depth analysis, thus highlighting the moment when the work was written, focusing on the phases of Modernism, forming a parallel between the modernist movement and the importance of this literary movement in the life of the author. The main objective of this work was to emphasize the main aspects of the work *Vidas Secas*, as well as Fabiano's stance in the midst of his overwhelming world, being a northeastern retreatant who lives in constant effort for a dignified life. Another relatively important point in this research refers to “drought”, which, in a broader view, realizes that this factor does not happen only for geographical reasons, but refers to the lack of public policies, social injustice and the government's neglect with the lower classes, becoming not only a literary work, but a social denunciation.

Keywords: Vidas Secas; Modernism; Graciliano Ramos; Northeastern Regionalism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	MODERNISMO NO BRASIL: primeira, segunda e terceira fases	11
3	O REGIONALISMO NORDESTINO NA LITERATURA BRASILEIRA	15
4	VIDAS SECAS: uma leitura histórica	20
4.1	Graciliano Ramos: o escritor e suas obras	20
4.2	O perfil literário de Graciliano Ramos	24
4.3	Aspectos da realidade socioeconômica do sertão nordestino em <i>Vidas Secas</i>	26
4.4	Características da narrativa de Graciliano Ramos em <i>Vidas Secas</i>	28
5	O SILÊNCIO DE FABIANO: as implicações na família de retirantes	29
5.1	Animalização <i>versus</i> Humanização.....	29
5.2	Sinhá Vitória: o ser que sonha em meio a opressão	32
5.3	O silêncio em <i>Vidas Secas</i> : Fabiano e o seu grito interno	33
6	CONCLUSÃO	39
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o meio em que o homem vive é capaz de influenciar de forma direta no seu comportamento. Diante dessa afirmativa, entende-se que o meio em que ele se relaciona possui um forte poder de transformação, pois, os seres humanos estão sujeitos a todo tempo a absorção das influências que esse espaço lhes proporciona. Com isso, o homem passa a ficar condicionado ao ambiente em que vive, como é o caso de Fabiano e sua família no romance *Vidas Secas*.

Graciliano Ramos descreve de forma clara, através da obra *Vidas Secas*, a vida de retirantes sertanejos mostrando as inúmeras dificuldades e problemas ligados a eles. Em uma visão mais extensa é possível enxergar na obra vários elementos que refletem possíveis particularidades que não se remetem somente na questão da seca ser um problema geográfico, mas, social e político.

O romance, em todos os capítulos, apresenta ao leitor diversos pontos relevantes sobre a realidade de vida do homem pobre sertanejo, tendo como foco a opressão, a pobreza e todas as partes que compõem a realidade do homem miserável. Entre os personagens, tem-se a cachorra Baleia, que embora seja um animal, é vista como um ser humano pelas diversas características que são atribuídas a ela.

O ponto principal desta pesquisa está ligado inteiramente ao personagem Fabiano, trazendo uma visão maior sobre vários aspectos da realidade socioeconômica do sertão nordestino e como tal realidade afeta de forma direta a família do mesmo.

Para tanto, esta monografia foi desenvolvida através da pesquisa bibliográfica e teve como ponto alto detalhar a técnica narrativa usada por Graciliano Ramos para atribuir voz a sujeitos quase incapazes de se expressarem através da fala, tendo como objetivo geral refletir sobre o meio opressor em que vive o homem de classe social baixa, das relações de poder e da humilhação em sua condição humana por parte daqueles que são ou se acham superiores.

Em *Vidas Secas*, ressalta o teórico Alfredo Bosi (2006, p. 403, 404), o escritor “[...] abre ao leitor o universo mental esgarçado e pobre de um homem, uma mulher, seus filhos e uma cachorra tangidos pela seca e pela opressão dos que podem mandar [...].”

Visto isso, nota-se que o obstáculo de comunicação da família de Fabiano é, acima de tudo, um dos pontos mais relevantes da obra, mas, Graciliano Ramos usa esse mesmo aspecto do “silêncio” ou da “ausência de voz” para construir um forte discurso acerca das problemáticas denunciadas ao longo do romance.

Diante disso, a metodologia utilizada nesta pesquisa será de modo qualitativo e descritivo com base em pesquisas bibliográficas de vários conhecedores da temática em questão. Para isso, a pesquisa tem como base principal o romance *Vidas Secas* publicado no ano de 1938, bem como a importância que teve a literatura brasileira na década de 30 e o contexto histórico em que foi escrita a obra.

Conforme a discussão proposta, este trabalho se estrutura em tópicos. O primeiro, intitulado como “Modernismo no Brasil: primeira, segunda e terceira fases”, busca demonstrar, de forma clara e detalhada, o período em que foi escrita a obra, o contexto histórico e, principalmente, a importância que teve o movimento para dar sentido à mensagem que Graciliano Ramos quis e continua a passar através de *Vidas Secas*.

Em seguida, tem-se o segundo tópico: “O regionalismo nordestino na literatura brasileira” que busca mostrar a importância e a riqueza do regionalismo como independência literária iniciada no século XX.

No terceiro e quarto tópicos, “O regionalismo nordestino na literatura brasileira” e “*Vidas Secas*: uma leitura histórica” buscam mostrar a riqueza do regionalismo nordestino na literatura brasileira, bem como analisar a vida e obra de Graciliano Ramos, a importância que ele teve como escritor para a literatura e o seu perfil literário. Busca mostrar, também, os aspectos da realidade socioeconômica do sertão nordestino, e por fim, as características da narrativa de Graciliano Ramos em *Vidas Secas*.

No quinto e último tópico intitulado “O silêncio de Fabiano: as implicações na família de retirantes” busca analisar o silêncio de Fabiano em meio ao seu processo de animalização *versus* humanização, bem como relatar os dramas e sonhos de Sinhá Vitória em meio ao espaço em que ela, juntamente com a sua família, está inserida.

2 MODERNISMO NO BRASIL: primeira, segunda e terceira fases

O período literário destacado nestas três fases é aquele conhecido como Modernismo, uma corrente artística e literária que surgiu aproximadamente por volta do final do século XIX, mais precisamente para o início do século XX, período este onde artistas brasileiros, em suas viagens ao exterior, voltavam com novas influências unidas ao desejo de instaurar uma arte moderna brasileira longe da imitação de padrões europeus e com o intuito de valorizar a arte nacional, possibilitando com isso o início do Modernismo no Brasil.

É de suma importância frisar que o Movimento Modernista no Brasil teve por marco inicial a Semana de Arte Moderna, que ocorreu no ano de 1922 em São Paulo, iniciando assim, sua primeira fase. Alfredo Bosi (2006) deixa evidente quando diz:

O que a crítica nacional chama de Modernismo está condicionado por um acontecimento, isto é, por algo dotado, público e charmoso, que se impôs à atenção da nossa inteligência como um divisor de águas: A Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo. “[...] os promotores da Semana de Arte Moderna traziam, de fato, ideias estéticas originais [...]”. (BOSI, 2006, p. 303).

Portanto, vale ressaltar que o Modernismo brasileiro possui, ao todo, três fases: a primeira fase surgiu em 1922 (fase heroica ou primeira geração modernista), a segunda, em 1930 (geração de 30) e a terceira fase em 1945 (geração de 45).

A primeira fase do Modernismo, mais conhecida como fase heroica, foi um período de grande produção de arte que objetivava, acima de qualquer coisa, desolar as antigas estruturas artísticas e dar vida a uma nova estética, que fosse totalmente diferente dos padrões europeus e que tirasse de forma definitiva o atraso cultural em que o país se encontrava na época.

Tal ruptura levou a sociedade a refletir sobre seus dilemas, fazendo com que muitos intelectuais conhecessem as lendas, a diversidade de tradições e também a linguagem popular. No entanto, a fase heroica de 22 foi a principal responsável em libertar o Brasil do encantamento pela Europa, em pouco tempo se tornando um país de independência cultural. Na época, a fase era representada pelos escritores Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira, a chamada tríade modernista.

Mário de Andrade ficou conhecido como um dos principais teóricos do modernismo, sendo ele o escritor do primeiro livro modernista brasileiro, *Pauliceia Desvairada*, um livro de poesias publicado no ano de 1924 e que possui o famoso prefácio interessantíssimo no qual ele destaca o desvairismo na literatura brasileira. *Pauliceia Desvairada* é uma obra escrita em

homenagem a São Paulo. Logo após, Mário de Andrade escreveu *Macunaíma* e publicou em 1928, sendo a obra hoje considerada um dos principais romances do movimento modernista.

Oswald de Andrade traz uma literatura mais ousada, mais irreverente e mais crítica. Vale destacar que ele possuía dois manifestos interessantes, o Manifesto Pau-Brasil e o Manifesto Antropófago, ou seja, um manifesto que trazia uma arte brasileira própria, mas, que assimilava a cultura estrangeira. Oswald de Andrade também possui grandes obras importantes, como *Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande* que são obras fragmentadas e modernas.

Manuel Bandeira é outro nome bastante importante para a literatura modernista, pois, é considerado “o homem que anunciou a modernidade”. Dentre suas obras, se destaca *A Cinza das Horas*, que foi o seu primeiro livro, seguido dos grandes livros da fase modernista, sendo eles: *Ritmo Dissoluto*, *Carnaval* e *Libertinagem*.

A segunda fase do modernismo aconteceu entre os anos de 1930 a 1945, vista como a era do romance, pois, em um “curto” período de tempo, reuniu um grande número de romancistas. Vale destacar que os romancistas de 1930 deram continuidade às conquistas da fase heroica, contudo, o foco principal dos mesmos era voltado à crítica social, à realidade econômica e à política, utilizando a literatura como principal instrumento de denúncia. Os chamados “romances regionalistas de 30” tiveram a sua estreia em 1928 com a obra *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida.

Já os escritores na geração de 30, mais precisamente falando de Graciliano Ramos, exprimia, através de seus escritos, certo tipo de tensão voltado especificamente ao seu eu, e à sociedade em que ele estava inserido. Na observação do crítico Alfredo Bosi (2006, p. 400) “[...] Graciliano já se deixou entrever, que representa, em termos de romance moderno brasileiro, o ponto mais alto de tensão entre o eu do escritor e a sociedade que o formou. Graciliano via em cada personagem a face angulosa da opressão e da dor. ”

Nesse sentido, pode-se destacar que os romancistas na década de 30 usavam seus escritos para fazer denúncias sociais, muitas vezes se passando por personagens dentro de suas obras.

Outro ponto a ser destacado em relação à década de 30 é o regionalismo presente nas obras escritas na época, visto que os autores buscavam sempre trazer à tona críticas em relação aos aspectos da realidade da época por meio de suas obras. Nesse sentido, o romance de 30 é, antes de tudo:

[...] um documentário social e humano, girando em torno do drama do subdesenvolvimento. O romancista nesse tipo de ficção, se transforma numa espécie de aparelho registrador de um aspecto da realidade, escolhendo e montando cenas, a bem dizer cinematograficamente, por força dos diálogos e da sequência de imagens. O escritor mostra a realidade, através de uma ideologia, mas não conclui, assumindo tanto quanto possível uma atitude de impessoalidade diante do leitor, pois o leitor é que deve apreciar, julgar e concluir. (AZEVEDO FILHO, 1975, p. 63 *apud* BOTOSO, 2020, p. 51).

Esse tipo de literatura regionalista requer um leitor ativo que seja capaz de formular diversas interpretações ao que está sendo lido, bem como apreciar, criar julgamentos, e por fim, tirar suas próprias conclusões e assim construir diversos sentidos. Essa “comoção” do leitor pode causar também indignação, por se tratar de obras que refletem a realidade.

Destacam-se como principais representantes desse período os escritores Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles e Graciliano Ramos.

Carlos Drummond de Andrade é considerado o maior poeta brasileiro do século XX, pois, possui em sua poesia o ceticismo e a ironia como principais características. Outra característica importante é a questão da poesia ser tema da própria poesia, a qual pode ser chamada de “metalinguagem” ou “metapoema”. Alguns teóricos afirmam que Drummond possui quatro fases, sendo a primeira Fase Irônica, com o lançamento da obra *Alguma Poesia*, a segunda fase ou Fase Social, com *A Rosa do Povo*, a terceira fase, dita como Fase Filosófica, que trouxe a obra *Claro Enigma* e a quarta fase, conhecida como Memorialista, com a obra *Lição das Coisas*.

Vinícius de Moraes também se destaca por trazer uma poesia espiritualista, algo visto como “diferente” na época, mas, ao passo que o tempo muda, ele muda o roteiro de seus escritos, passando a valorizar também a sensualidade e a beleza feminina em suas obras.

Cecília Meireles é conhecida como neo-simbolista, tendo a musicalidade e a espiritualidade como características principais e fundamentais da sua poesia. Suas principais obras são: *Vaga Música*, *Espectros* e *Romanceiros da Inconfidência*.

Por fim, tem-se Graciliano Ramos, um dos principais romancistas da década de 30. Graciliano era visto como neo-realista por trazer uma visão crítica em suas obras, ou seja, o subdesenvolvimento, o coronelismo, a fome, a seca... A principal característica das obras de Graciliano Ramos é o estilo contido, conhecido como uma linguagem seca presente em todas as suas obras escritas entre 1930 a 1945. Graciliano teve como principais obras: *São Bernardo*, *Memórias do Cárcere* e *Vidas Secas*, sendo esta última o principal objeto de estudo deste trabalho.

Finalizado o movimento modernista no ano de 1945, tem-se a prosa e a poesia como principais características desta geração. Acredita-se que a sociedade atual seja modernista, enquanto muitos escritores afirmam que tal movimento findou há muito tempo, hoje se tornando conhecido como pós-modernismo.

No período em que inicia a terceira geração do Modernismo, percebe-se outras possibilidades no que diz respeito às temáticas, e toda aquela denúncia social, política e econômica passam a ficar em segundo plano, enquanto que as renovações das formas literárias, a pluralidade de formas estéticas e experimentalismo linguístico ganham total destaque. Assim sendo, tem-se Clarice Lispector, Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto como principais representantes de tal geração.

Clarice Lispector é a responsável por trazer uma inovação para a literatura, ou seja, traz uma prosa intimista voltada para o interior dos personagens. Nas obras de Clarice quase não se percebe ações externas, pois, as coisas acontecem na mente dos personagens, o chamado monólogo interior, o personagem conversando consigo mesmo em pensamento. Outra característica das obras de Clarice é as epifanias. Clarice Lispector tem como principais obras: *Perto do Coração Selvagem*, *A Paixão Segundo G.H.* e *A Hora da Estrela*.

Guimarães Rosa se destaca por trazer para a literatura brasileira uma linguagem inovadora, usando em seus textos uma mistura de linguagem regionalista, linguagem arcaica e neologismos, ou seja, obras com uma linguagem inovadora e, acima de tudo, particular. Suas obras que tiveram destaque para a literatura são: *Sagarana*, *Primeiras Estórias* e *Grande Sertão: Veredas*.

João Cabral de Melo Neto é reconhecido na literatura brasileira pelas poesias modernistas marcadas pela estruturação fixa e rigor formal em que ele escrevia as obras. Pode-se dizer que seu estilo de escrita era mais racional e objetivo, e o sentimentalismo era deixado de lado, podendo ser consideradas obras construtivas. Outro ponto a se destacar é que não havia a presença de romantismo em seus escritos, pois ele buscava sempre colocar o real em evidência, e de forma concreta, as sensações. Suas obras de grande destaque são: *Pedra do Sono*, *Educação Pela Pedra* e *Morte e Vida Severina*.

3 O REGIONALISMO NORDESTINO NA LITERATURA BRASILEIRA

Tudo aquilo que foi produzido em termos de literatura brasileira por volta do século XX, mais precisamente falando das décadas de 1930 a 1945, está inteiramente ligado a segunda e terceira geração do modernismo, sendo essas fases consideradas de reflexão e construção de uma literatura propriamente rica e, acima de tudo, independente. É necessário afirmar que nesse período de construção da literatura brasileira, muitos escritores procuravam a todo custo recuperar, através de seus escritos, as origens da realidade do Brasil. Com isso, surge um gigantesco número de romances e a arte passa a receber novas características de expressão. A literatura não fica de fora, sendo o ponto principal desse período, pois, tanto na poesia quanto na prosa surge aquilo que podemos chamar de “novo conceito”, o regionalismo.

Esse conceito de regionalismo faz perceber que a linguagem literária e antes totalmente formal passa a ser escrita de modo que incorpora diversos neologismos e regionalismos brasileiros, uma espécie de aproximação à fala. Desse modo, essa escrita regionalista dá ênfase no âmbito rural, crítica político-social e a exposição de costumes locais. A primeira obra que traz fortemente todos esses aspectos é *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, o que fez com que outros escritores seguissem a mesma linha de raciocínio. Dentre eles, estão: José Lins do Rego, Jorge Amado, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.

Do mesmo modo, a linguagem literária toma uma espécie de aproximação à fala brasileira. Para o escritor Antonio Candido, o regionalismo sobreveio na literatura brasileira juntamente com a autonomia literária, o que desencadeou aos escritores brasileiros a necessidade de expressar o nacionalismo brasileiro e revelar o Brasil que estava encoberto pelos padrões europeus. (CANDIDO, 2002).

De forma breve e objetiva, Afrânio Coutinho e Eduardo Coutinho (1997) resumem o conceito de regionalismo no seguinte pensamento:

[...] O regionalismo foi uma corrente que se derivou do romance realista do século XX e cuja diferenciação de que as criações estivessem fortemente ligadas à presença de uma unidade regional fornecedora de matéria-prima, das intrigas e das relações comuns dos personagens. (COUTINHO e COUTINHO, 1997, p. 361).

Em outras palavras, entende-se que o regionalismo surgiu na literatura como forma de valorizar e trazer as especificidades locais do país. Diante disso, todos os escritores regionalistas não escreviam com o foco de valorizarem determinadas regiões, pois, o que

estava em evidência era a crítica diante dos aspectos que as regiões sofriam, se tornando obras de cunho global que buscavam denunciar problemas sociais. Segundo Chiappini (1995, p. 155) “[...] a tendência a que se denominou regionalista em literatura vincula-se a obras que expressam regiões rurais e nelas situam suas ações e personagens.”

Em outro ponto, Antonio Candido (2002, p. 20) diz: “Assim surgiu algo novo: a noção de que o Brasil havia uma produção literária com características próprias, que agora seria definida e descrita como justificativa da reivindicação de autonomia espiritual.”

Quando Candido afirma esse pensamento percebe-se a inconformidade dos escritores brasileiros, pois, os mesmos tentaram a todo custo instaurar uma “literatura nova” com aspectos totalmente brasileiro, e, de fato, foi o que aconteceu. A produção literária ganhou outros jeitos, outras formas e novos rumos. O brasileirismo, ou melhor, o regionalismo se fez presente em diversas obras.

Este pensamento é afirmado por Nelson Werneck Sodré (1985) quando ele cita:

[...] o regionalismo correspondia, inequivocamente, a um grande avanço no sentido da criação de uma literatura nacional. Os primeiros traços desta encontram-se, sem dúvida alguma, nos melhores regionalistas, naqueles que conseguiram superar as deficiências ligadas principalmente ao geografismo e ao linguajar. (SODRÉ, 1985, p. 403).

Sob essa ótica, Sodré afirma que a literatura regionalista conquistou seu espaço e avançou de forma significativa para uma literatura individual, que fosse totalmente ligada ao povo brasileiro, surgindo, então, o rompimento do formalismo e o inserimento de uma linguagem mais cotidiana e menos rebuscada.

Partindo desse pressuposto é importante destacar que a literatura regionalista (mais precisamente falando do regionalismo nordestino) possui um caráter diferenciado, pois, a mesma, na maioria das vezes, procura evidenciar e colocar em pauta a vivência do homem que é hostilizado pelo meio em que vive, bem como caracterizar os inúmeros problemas sociais, além de destacar os males da realidade econômica, onde o sofrimento e a exploração do homem está condicionada a uma realidade quase impossível de ser mudada, muitas vezes pela falta de perspectivas do nordestino que, por mais que tente, não consegue, em hipótese alguma, mudar de vida.

Na visão de Neves e Pontes (2001, p. 122), “[...] esse tipo de ficção coloca-nos, pois, em contato com os problemas da realidade sociocultural do Nordeste do Brasil, apresentando, assim, aspectos múltiplos da vida socioeconômica da região.”

Mediante esse pensamento, pode-se afirmar que o romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos é um exemplo claro da realidade que envolve o sertanejo na seca do território nordestino, principalmente no que diz respeito a sua busca incessante por melhorias de vida e sobrevivência, num espaço em que a vida humana quase não faz sentido, atrelado à expectativa do possível fim da seca que os envolve em todos os sentidos. Nota-se, pois, que o regionalismo nordestino se faz presente em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, por mostrar a vida do sertanejo frente ao sertão nordestino.

Em termos de romance regionalista, Miguel (1973, p. 179) afirma que “[...] a literatura regionalista estuda as particularidades linguísticas de uma determinada obra, em uma região geográfica específica, decorrente da cultura de lá existente. ” Pensando assim, é relevante dizer que a obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, é um retrato fiel dessa realidade, visto que a mesma mostra fielmente a vida do homem sertanejo, seus problemas sociais, geográficos e políticos, tudo isso atrelado ao contexto em que a referida obra está inserida.

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos usa um método diferente na obra, pois, além de focalizar os problemas sociais do Nordeste expressando todo o regionalismo, o escritor ainda faz uso de uma crítica profunda das relações humanas, se tornando *Vidas Secas* não somente um romance regionalista, mas, uma obra de caráter extensivo, e ao mesmo tempo, universal.

Tal perspectiva, se torna relevante e toma sentido quando José Maurício Gomes de Almeida (1999) diz:

A universalidade de criação artística não se constitui à custa de seu caráter regional: com frequência, torna-se um desdobramento harmonioso deste. Isso porque, atrás do homem de determinada região, com sua problemática específica, encontra-se uma essência que é comum a todos os homens. Compete ao criador saber revelá-la, não confundindo regionalismo com exotismo pitoresco, este sim grandemente limitado. O drama de Fabiano e sua família em *Vidas Secas* – conquanto o romance tenha suas raízes profundamente mergulhadas na realidade social e telúrica do sertão – ultrapassa de muito o seu significado regional: é o eterno drama do homem oprimido pelas circunstâncias, que luta assim mesmo para afirmar a dignidade de sua condição. (ALMEIDA, 1999, p. 31).

Desse modo, *Vidas Secas* passa a ser julgada obra de caráter universal que, em um olhar mais amplo, se percebe não somente um romance comum escrito na década de 30, mas, uma obra que engloba diversas particularidades, sendo o regionalismo nordestino o seu ponto alto.

Pode-se dizer que o Nordeste é visto sempre como uma região pobre e seca, e é exatamente o fator climático que representa o Nordeste enquanto região. Esse fator climático

é o que traz significado ao termo “nordeste seco”. Outro ponto relativamente importante é que o discurso regionalista acontece, na maioria das vezes, por uma analogia entre o homem e a natureza, ou seja, o homem descendo por diversas vezes à condição de animal, e o animal subindo à condição humana.

Nas primeiras páginas de *Vidas Secas*, Graciliano Ramos (1978) deixa evidente esse pensamento do “homem *versus* animal” quando diz:

[...] E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. (RAMOS, 1978, p. 19).

O fato de se identificar como um animal era, para Fabiano, algo comum, pois, ele mesmo atribuí a si mesmo tais características. Todos esses aspectos de sujeira, barba e timidez de Fabiano transformam-no em animal. A noção que se tem disso é que a “seca” da região nordeste condicionou Fabiano a criar projeções animais sobre ele e a própria família. Em virtude disso, percebe-se o quanto a região em que o homem está inserido proporciona uma forte influência sobre ele mesmo e principalmente sobre seu modo de ver o mundo e a si próprio.

Em suma, regionalismo é aquilo que caracteriza, identifica, marca o modo de ser e de viver de uma determinada região. Portanto, uma região enquanto espaço, enquanto área de habitação, possui também um modo de viver, um modo de se ocupar um espaço, um modo de construir a sobrevivência, aspectos linguísticos, culturais, alimentares e costumes que identificam determinada gente.

Esse mesmo regionalismo que teve início na literatura brasileira no romantismo, parte do processo de construção da identidade nacional, que se expandiu na prosa romântica como tentativa de criar uma literatura nova.

Jorge Amado, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, José Américo de Almeida e Graciliano Ramos formam um conjunto de obras muito relevantes e significativas no que diz respeito a denúncia social e a miserabilidade em que vivia o homem pobre sertanejo. Tornaram-se escritores hoje conhecidos como regionalistas.

Portanto, foi o regionalismo que trouxe e desencadeou de forma geral o rompimento com o formalismo na literatura, o que permitiu uma linguagem mais coloquial e menos

formal, ao passo que possibilitou aos escritores o espaço para colocarem seus sentimentos e suas denúncias sociais através de seus escritos.

4 VIDAS SECAS: uma leitura histórica

Em termos de literatura, pode-se dizer que a mesma é utilizada como fonte histórica, sendo enxergada como representação da sociedade. *Vidas Secas* é um romance escrito na década de 1930 que busca evidenciar diversos aspectos da realidade socioeconômica do sertão nordestino, bem como denunciar as mazelas sociais, as políticas públicas ineficientes e o sofrimento do homem quando não possui condições cabíveis de sobrevivência.

Todo esse reflexo que é proporcionado ao leitor em *Vidas Secas*, muitas vezes, está atrelado e se remete ao próprio escritor Graciliano Ramos, que sempre buscou mostrar em suas obras as angústias e as particularidades de sua personalidade enquanto homem que presenciava de perto a situação do sertanejo nordestino. Esse pensamento é afirmado por Maria Isabel Brunacci (2008) quando ela diz que:

A história do escritor é a história de um drama. Álvaro Lins dizia que Graciliano é um historiador da angústia. Mas a angústia também do intelectual que vive o seu drama numa sociedade de desigualdades tão grandes como a brasileira. Como se colocar como intelectual junto ao povo explorado e sem voz? Imaginando um espaço em que o sem voz passaria a ter voz. (BRUNACCI, 2008, p. 48).

Nesta perspectiva, entende-se que a história de vida de Graciliano Ramos está relacionada aos seus diversos escritos. Em *Vidas Secas*, por exemplo, percebe-se diversas analogias dele na condição de escritor e a Fabiano enquanto personagem de sua obra, levando em consideração, claro, que “[...] personagem e escritor não são o mesmo, embora se aproximem e se toquem.” (BRUNACCI, 2008, p. 65).

Vidas Secas se faz uma leitura histórica exatamente por relacionar acontecimentos da década de 1930 de forma fiel a realidade brasileira nos dias atuais, como a fome, a seca, a miséria e a desigualdade social. O romance *Vidas Secas*, em outras palavras, é um grito de denúncia de Graciliano Ramos que ecoará por muitos anos.

4.1 Graciliano Ramos: o escritor e suas obras

Graciliano Ramos de Oliveira nasceu no vigésimo sétimo dia do mês de outubro de 1892 na cidade de Quebrangulo, em Alagoas. Filho de Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro Ramos, era filho primogênito entre os seus quinze irmãos de uma família de

classe média do sertão nordestino. Em 1894, aos dois anos de idade, Graciliano muda-se para a cidade de Buíque, em Pernambuco. Logo após, mais precisamente no ano de 1900, muda-se para Viçosa, em Alagoas, onde viveu parte de sua infância e estudou no internato da cidade. O ano de 1904 se tornou um marco na vida de Graciliano Ramos, pois, foi o ano em que publicou no jornal da escola seu primeiro conto, *O Pequeno Pedinte*. Com isso, ele passa a desenvolver maior interesse pela língua e pela literatura, o que fez com que ele se mudasse para Maceió em 1905 para concluir seus estudos secundários no Colégio Interno Quinze de Março.

Os anos se passaram e com isso surgiram outras mudanças na vida de Graciliano Ramos, pois, no ano de 1910 ele decide morar em Palmeira dos Índios, Alagoas, e logo após, em 1914, muda-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como revisor na imprensa carioca. Entende-se, então, que esse foi o seu primeiro contato de forma direta com o jornalismo. Pouco mais de um ano depois, Graciliano retorna ao Nordeste, em 1915, onde casa-se com Maria Augusta Ramos com quem teve quatro filhos.

Em 1927 algo inédito acontece na vida de Graciliano Ramos, pois, o mesmo se elege prefeito da cidade de Palmeira dos Índios tomando posse do cargo nos primeiros dias do ano de 1928. Já viúvo de sua primeira esposa, nesse mesmo ano, casa-se com Heloísa de Medeiros. Em 1929, Graciliano Ramos escreve seu primeiro relatório que falava sobre suas atividades administrativas para o governador do Estado, e foi exatamente esse relatório que revelou para a sociedade o escritor que estava “escondido” em Graciliano Ramos. Em 1930 ele renuncia ao cargo de prefeito, muda-se novamente para Maceió, e é nomeado Diretor da Imprensa Oficial do Estado de Alagoas.

Pode-se dizer que Graciliano Ramos estreou na literatura por volta de 1933 com o romance *Caetés*. Na época em que foi publicada a obra, o escritor mantinha contato com Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Jorge Amado. Um ano após, publicou o Romance *São Bernardo*, e em 1936 fez a publicação de *Angústia*. Nesse mesmo ano, Graciliano Ramos é preso brutalmente simplesmente por ser acusado de que era comunista. Segundo Bosi, (2006, p. 401) “Embora sem provas de acusação, levam-no a diversos presídios, sujeitam-no a mais de um vexame e só o liberam em janeiro do ano seguinte: as *Memórias do Cárcere* serão o depoimento exato dessa experiência.” O escritor passou nove meses preso, mas conseguiu liberdade justamente por não haver provas concretas sobre ele.

Em 1938, Graciliano Ramos publica o seu mais famoso e conhecido trabalho, o romance *Vidas Secas* que é considerado obra-prima do autor. *Vidas Secas*, objeto principal de análise deste trabalho narra a história de uma família de retirantes que de tempos em tempos é

obrigada a mudar-se por conta da seca que a atinge, em busca de condições de melhorias de vida. (FRAZÃO, 2019).

Vidas Secas é uma obra dividida em treze capítulos que podem ser lidos separadamente, o que não faz perder o sentido e a mensagem que a obra quer passar, pelo fato de não ter uma linearidade temporal, mas, é importante destacar que o primeiro capítulo “Mudança”, e o último capítulo, “Fuga”, devem ser lidos nesta sequência, pois, permitem uma ligação que encerra um ciclo. O capítulo “Mudança”, por exemplo, narra os problemas da família de Fabiano em uma longa caminhada pela aridez da caatinga. Já o último capítulo intitulado “Fuga”, Fabiano e sua família saem da fazenda em busca de condições favoráveis de sobrevivência. Nesse sentido, pode-se perceber que os retirantes em *Vidas Secas* vivem num espécie de movimento circular que não tem fim. A família é obrigada a mudar-se novamente quando menos se espera.

Mediante esse aspecto surge a seguinte indagação: qual a relação que os capítulos “Mudança” e “Fuga” têm com o autor da obra? Como resposta, pode-se dizer que o processo de mudança e fuga na vida de Graciliano Ramos é bem presente em toda a sua trajetória de vida, visto que de tempos em tempos o mesmo procurava melhorias de sobrevivência, deslocando-se, por várias vezes de sua cidade para outros rumos. Como se sabe, Graciliano Ramos viveu um ciclo de mudanças e fugas que ocasionavam um inquietamento ou inconformismo por parte dele que enxergava sempre a necessidade de mudar-se de lugar. Em um olhar mais fundo em suas obras, principalmente em *Vidas Secas*, percebe-se sempre que Graciliano deixa um pouco de sua personalidade em seus escritos, seja por meio de um personagem, de forma direta ou indiretamente.

Sonya Brayner (1978) sustenta esse pensamento quando diz:

[...] *Vidas Secas* apresenta-se com aquele caráter que marca inapelavelmente todas as personagens de Graciliano: a solidão interior, a irremovível impossibilidade de comunhão com o próximo, pois a única via de acesso: o amor, não foi tentado pelo autor. (BRAYNER, 1978, p. 69, 70).

Em seus escritos, o autor evidencia através de seus personagens a dor e a opressão como denúncia de uma sociedade que continuamente explora e despreza os valores humanos. Em *Vidas Secas*, a família de Fabiano se encontra sempre em estado de coisificação, onde a sequidão do sertão nordestino não coopera para que nada germine. Nesse sentido, como o homem poderia pensar na possibilidade de humanização frente a um espaço tão oprimente e ressequido? Fica o questionamento.

Além de *Vidas Secas*, publicado em 1938, o romancista lançou diversas outras obras que tiveram grande destaque para a literatura brasileira, o que consequentemente o tornou como um dos escritores mais importantes da história.

Entre essas obras, estão:

- *Caetés* (1933).
- *São Bernardo* (1934).
- *Angústia* (1936).
- *Brandão Entre o Mar e o Amor* (com colaboração de José Lins do Rego, Jorge Amado, Aníbal Machado e Rachel de Queiroz – 1942).
- *Histórias de Alexandre* (1944).
- *Infância* (1945).
- *Dois Dedos* (1945).
- *Histórias Incompletas* (1946).
- *Insônia* (1947).
- *Memórias do Cárcere* (1953).
- *Viagem* (1954).
- *Viventes de Alagoas* (1962).
- *Alexandre e Outros Heróis* (1962).
- *Linhas Tortas* (1962).

Seus livros já foram traduzidos para o espanhol, francês, inglês, italiano, alemão, russo, húngaro, tcheco, polonês e finlandês. Da obra *Vidas Secas* há uma versão cinematográfica de Nelson Pereira dos Santos produzida no ano de 1954, e de *São Bernardo*, há uma versão de Leon Hirszman em 1972. Com toda essa contribuição para a literatura, pode-se afirmar que Graciliano Ramos se tornou o ficcionista mais importante do movimento modernista, visto até aos dias atuais como o prosador de maior destaque da segunda fase do movimento.

Graciliano Ramos de Oliveira falece em Rio de Janeiro no vigésimo dia do mês de março de 1953, mas, a sua história e suas obras repercutem continuamente nos meios acadêmicos, o que faz com que a todo tempo surjam novas reinterpretações e releituras, mantendo, assim, o escritor sempre vivo.

4.2 O perfil literário de Graciliano Ramos

Sabe-se que o período de 1930 é reconhecido na literatura como o momento em que o romance regionalista se fez presente em diversas obras, mas, embora Graciliano Ramos tenha participado efetivamente e de forma direta para a literatura deste período, percebe-se que suas obras possuem um diferencial no que diz respeito às formas de expressar o regionalismo, o que diferenciava ele de outros escritores.

Graciliano em seus romances buscava colocar em pauta diversos aspectos da realidade sertaneja, ao mesmo tempo em que explorava o interior do homem, investigava o seu meio e o colocava como principal elemento em seus escritos. O personagem era mais importante que o espaço físico e que o enredo. O sentimentalismo, por exemplo, é ausente em suas obras, pois, Graciliano Ramos possuía a habilidade de expressar o essencial em poucas palavras, e é exatamente essa linguagem rigorosa e seca que faz de suas obras uma literatura de estilo crítico e reflexiva.

Na escrita de Graciliano Ramos é possível enxergar “[...] a poupança verbal; a preferência dada aos nomes de coisas e, em consequência, o parco uso do adjetivo; a sintaxe clássica, em oposição ao à-vontade gramatical dos modernistas.” (BOSI, 2006, p. 404). Tudo em suas mãos virava literatura, mas, antes disso ele polia, retirava os excessos e deixava somente o necessário.

Graciliano Ramos era um escritor altamente perfeccionista, e é exatamente essa palavra que o define enquanto escritor, pois, ele não admitia enfeites em suas obras, expressando ao máximo através das palavras a sua ideia principal. Em uma carta que Graciliano escreve a Antonio Candido quando Candido era crítico titular (como se dizia na época) do Diário de São Paulo, ele chega a relatar o seguinte sobre a sua obra *Angústia*:

Angústia é um livro mal escrito. Foi isto que o desgraçou. Ao reeditá-lo, fiz uma leitura atenta e percebi os defeitos horríveis: muita repetição desnecessária, um divagar maluco em torno de coisinhas bestas, desequilíbrio, excessiva gordura [...] É preciso dizermos isto e até exagerarmos as falhas [...] (CANDIDO, 2006, p. 10/11, grifo do autor).

Com isso, percebe-se o alto grau de perfeccionismo que o escritor atingia, pois, ele “enxugava” tanto seus escritos, o que muitas vezes eliminava por completo qualquer texto que ele próprio escrevia. Essa, sem dúvida alguma, era a característica principal de Graciliano Ramos na condição de escritor.

Otto Maria Carpeaux (1993) deixa esse pensamento válido quando diz:

[...] muito meticoloso. Quer eliminar tudo o que não é essencial, as descrições pitorescas, o lugar-comum das frases-feitas, a eloquência tendenciosa. Seria capaz de eliminar ainda páginas inteiras, capítulos inteiros, eliminar os seus romances inteiros, eliminar o próprio mundo: para guardar apenas aquilo que é essencial [...] (CARPEAUX, 1993, p. 231).

De fato, percebe-se seu caráter altamente crítico no que diz respeito às relações humanas em suas obras, o que deixa transparente a ideia de que Graciliano Ramos era um escritor “frio”, que não admitia rodeios, e que procurava ao máximo valorizar o personagem ao invés do espaço em que ele estava inserido. O espaço era importante, mas o personagem era o seu objeto principal.

Outro ponto relativamente importante no que diz respeito ao perfil literário de Graciliano Ramos é sobre a exclusividade da obra *Vidas Secas*, sendo a sua única obra escrita em terceira pessoa, obra essa que chega a atingir o estado emocional e melancólico do leitor no capítulo “Baleia”, no qual Fabiano resolve sacrificar a cachorra da família. No que diz respeito ao estilo de escrita de Graciliano Ramos, Álvaro Lins (1978) em seu posfácio na 40ª edição da obra *Vidas Secas* lançada neste mesmo ano comenta:

Parece-me que *Vidas Secas* representa ainda uma evolução na obra do Sr. Graciliano Ramos quanto ao estilo e à qualidade estritamente literária. Em nenhum outro dos seus livros encontramos tanta beleza e tanta harmonia na construção verbal. E somente aqui este autor, de espírito tão pouco poético, consegue atingir às vezes um estado de poesia. Foi também em *Vidas Secas* que o Sr. Graciliano Ramos pela primeira vez se libertou por inteiro de algumas quedas no mau gosto ou na vulgaridade de expressão, com que nos surpreende, tão freqüentemente, em *S. Bernardo* e até em *Angústia*. Afinal, se *Angústia* é a sua maior realização como ficcionista, *Vidas Secas* é a obra que nos oferece toda a sua medida como escritor [...] (LINS, 1978, p. 165/166, grifo do autor).

Essa particularidade do lado poético de Graciliano Ramos só é vista unicamente em *Vidas Secas*, pois, Graciliano possuía um estilo de escrita que não se aproximava da poesia. Era um escritor direto e que detestava o excessivo, em outras palavras, aquilo que não era necessário no texto.

Diante disso, pode-se justificar que a obra *Vidas Secas* é narrada de forma filtrada, ao passo em que o autor narra somente o que é necessário e essencial, e é exatamente esse estilo seco, objetivo e direto que proporciona ao leitor diversas possibilidades de interpretações ao

se deparar com a obra. Em conformidade ao exposto, vale ressaltar, também, que *Vidas Secas* é uma obra de caráter regional, e é por conta desse caráter regionalista que a obra ajusta-se como uma espécie de “pano de fundo” para representar os dramas universais. A paisagem da obra é regional, mas o tema é universal.

Em suma, o perfil literário de Graciliano Ramos no que diz respeito aos aspectos formais, está vinculado ao uso de uma linguagem objetiva, direta e que, por muitas vezes, se aproxima à oralidade, o que o desvincula enquanto escritor de uma estética academicista. Graciliano era um escritor de estilo seco, conciso e enxuto de palavras, como ele mesmo afirma a Joel Silveira (1998, p. 281): “A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso. A palavra foi feita para dizer. ”

4.3 Aspectos da realidade socioeconômica do sertão nordestino em *Vidas Secas*

Vidas Secas é uma obra que representa fortemente a região Nordeste como um todo, mas, um Nordeste seco, pobre e atrasado. Diante disto, Graciliano Ramos contribui de forma direta para essa construção em seu romance, não que ele tenha esta intenção declarada, mas, a sua obra revela fielmente todos os aspectos da realidade socioeconômica enquanto região. *Vidas Secas* sendo uma obra escrita em 1938 se encaixa e denuncia a estiagem sofrida pela região Nordeste nos anos que vão de 1877 a 1879, mas, este não é o único propósito da referida obra.

Em todo o romance percebe-se uma forte denúncia ao descaso das políticas públicas, a injustiça social em torno do homem pobre e humilde, a miséria vivenciada pela família de retirantes que não consegue mudar de região, a fome em volta da seca e a desigualdade. Estas particularidades que remetem ao modelo socioeconômico vivenciado pela família de retirantes em *Vidas Secas*, mostra que a obra deixa de ser um romance de cunho regional e passa a assumir um caráter universal.

Logo nas primeiras palavras do capítulo intitulado “Mudança”, percebe-se o cenário em que a obra está inserida, ou seja, um espaço físico seco e infértil:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. (RAMOS, 1978, p. 9).

Percebe-se, então, a presença da seca do Nordeste que condiciona o homem a viver em condições sub-humanas de sobrevivência. No mesmo trecho, o narrador coloca em pauta a fome e o cansaço do homem que continuamente busca melhorias de vida, mas, a seca que aflige a família e os tornam miseráveis impede essa possibilidade.

Conforme o autor, os personagens sofriam de sede e fome: “[...] a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida” – “Tinha andado a procurar raízes à toa: o resto de farinha acabara, não se ouvia um berro de rês perdida na catinga.” – “[...] foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. [...] Sinhá Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensangüentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo.” (RAMOS, 1978, p. 11, 14). Com esse quadro elaborado pelo autor, percebe-se o sofrimento da família com a fome e a sede, a ponto de saciá-la comendo um preá que a cachorra Baleia encontrara como caça.

A miserabilidade retratada em *Vidas Secas* é tão extrema que chega a ponto de o homem se submeter a saciar a sede com água retirada da lama, como pode ser observado na seguinte citação:

Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo. (RAMOS, 1978, p. 9).

O sofrimento e a miséria são tão grandes que os personagens da obra não enxergam possíveis soluções para os problemas que enfrentam, pois, a perspectiva de um futuro promissor não é visto por eles como algo possível. Em todo o romance há de se encontrar diversos dramas que a família de Fabiano vivia. O descaso do governo, por exemplo, é enxergado pela falta de amparo com os mais pobres, com aqueles que são e se sentem inferiores. A pobreza que perdura em *Vidas Secas* é bem maior que a fome, a dor e a sede. É algo que não é enxergado pelo governo, e se é, passa por despercebido. A discrepância social é visto em todo o romance, principalmente quando o homem desce a condição de animal, e o animal se nivela a condição humana. Como é sabido, até a cachorra da família tinha o seu nome próprio, que se chamava Baleia, e os filhos da família de retirantes eram chamados apenas de menino mais velho e menino mais novo.

Assim, de forma resumida, fica evidente os principais aspectos socioeconômicos que perduram em *Vidas Secas*, sendo a pobreza, a fome, a sede e a desigualdade social os aspectos de denúncia mais relevantes da obra. Com isso, Graciliano Ramos se torna porta-voz dos muitos pobres, miseráveis e retirantes que até os dias de hoje buscam continuamente uma condição digna de se viver.

4.4 Características da narrativa de Graciliano Ramos em *Vidas Secas*

Sabe-se que Graciliano Ramos é um autor que, em suas obras, não faz (ou não procura) evidenciar grandes inovações linguísticas, pois, o seu foco está inteiramente ligado à narrativa. É incontestável dizer, também, que esse era o aspecto principal na condição de estilo de escrita que o autor possuía. Em *Vidas Secas*, por exemplo, a narrativa se encaixa na retratação da situação do homem sertanejo; com isso, os arranjos nas expressões são deixados de lado se tornando obra de linguagem seca, direta e enxuta. Nessa obra, percebe-se uma narrativa que procura relatar como vive o nordestino e os problemas que o mesmo enfrenta em meio ao sertão.

Desse modo, pode-se dizer que a narrativa de *Vidas Secas* busca evidenciar a desumanização que a seca do nordeste provoca ao homem sertanejo, bem como mostrar o solo ressequido castigado pela estiagem da chuva. Em outro ponto, a narrativa apresenta um espaço de terrível miserabilidade que o homem enfrenta sozinho em um contexto completamente esquecido pelo governo. É notório, ainda, o pessimismo e a crítica social em torno de sua obra.

5 O SILÊNCIO DE FABIANO: as implicações na família de retirantes

5.1 Animalização versus Humanização

Homem miserável, sem perspectiva, mínima capacidade de se comunicar, seco, e que se enxerga como um bicho. Estas são as principais características que dá significação a Fabiano, personagem principal de *Vidas Secas* e de análise deste estudo. Mas, de fato, quem é Fabiano? Como resposta, pode-se dizer que era aquele homem miserável e seco, rude e sem instrução, ressequido, batalhador e que se orgulhava de viver as adversidades que a vida o impôs, mas, que ao mesmo tempo se fragiliza e se reconhece como um animal, um bicho. Ele era aquele vaqueiro que continuamente, e em uma viagem cíclica, buscava melhorias de sobrevivência para ele e para os seus. Fabiano nada mais era que um homem sem voz, sem vida.

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos traz um capítulo exclusivo a Fabiano, cujo título é o seu próprio nome. Logo nas primeiras páginas, o narrador proporciona ao leitor especificações de como era Fabiano e como o mesmo se sentia diante do cenário em que ele estava inserido. Veja-se, então:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se agüentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. (RAMOS, 1978, p. 21).

Desse modo, percebe-se por meio da fala do narrador um estado de animalização nas especificações do personagem Fabiano. A princípio se tem a noção de um homem extremamente rústico a ponto de ser confundido com um animal. Os detalhes de seus pés fazem analogia ao casco de animais brutos que não sentem mais a quentura da terra, muito menos os espinhos, mas, também é relevante dizer que toda essa dureza de seus pés é um reflexo da vida dura e sofrida que Fabiano levava e que, conseqüentemente, o tornou um homem que perdeu a sensibilidade de viver.

É necessário frisar, também, que o modo ressequido de Fabiano não está ligado somente no campo físico, mas, sim, no contato direto com as pessoas, pois, ele “[...] só se

dava bem com animais.” (RAMOS, 1978, p. 21). Em outras palavras, Fabiano era um homem que falava pouco e que muito menos se relacionava bem com outras pessoas, pois, ele se tornou refém do seu pequeno mundo opressor em que vivia.

Fabiano “[...] Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade [...].” (RAMOS, 1978, p. 21). Mas ele percebia que toda essa beleza das palavras não era algo para ele, pois, ele só se via se comunicando com animais, onde enxergava que, embora as palavras fossem bonitas, “[...] eram inúteis e talvez perigosas.” (RAMOS, 1978, p. 21).

Em uma análise profunda sobre Fabiano, surgem inúmeras indagações a respeito do mesmo, como por exemplos: sua animalização, seu comportamento diante da sociedade, sua brutalidade, sua inferioridade, seu silenciamento, dentre vários outros aspectos.

Como dito antes, ele se enxerga como um bicho, mas, é importante destacar que essa semelhança que ele atribui a si mesmo está condicionada ao espaço em que ele viveu, e para ele, um homem ser semelhante a um animal é algo extremamente normal. Ao longo de toda a narrativa, percebe-se inúmeras características animaiscaas que são dadas a Fabiano como forma de “desenhar” a sua postura na condição de homem/animal. Deste modo, descreve-se:

[...] A cabeça inclinada, o espinhaço curvo, agitava os braços para a direita e para a esquerda. Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário. (RAMOS, 1978, p. 18).

No trecho citado, pode-se fazer uma analogia de Fabiano com um macaco na medida em que as características são semelhantes ao caminhar do animal, ou seja, a sua cabeça inclinada, o seu espinhaço curvo e sua forma de agitar os braços de um lado para o outro. O personagem enxergava a necessidade de fazer esses gestos mesmo sabendo que eram inúteis, porém, o significado estava relacionado ao seu antepassado, pois, foi assim que ele viu o seu avô e o seu pai durante toda a infância. Como o “mundo” em que viviam os filhos de Fabiano, o menino mais velho e o menino mais novo, era minúsculo e os mesmos quase não tinham contato com outras pessoas, começaram a copiar também os gestos de seu pai.

Esse processo de animalização é visto por diversas vezes ao longo do romance, na medida em que é reiterado várias vezes tanto pelo narrador, que está em terceira pessoa, quanto pelo próprio personagem Fabiano. Para ele, tal postura animaisca era uma forma de se distanciar do mundo humano e ao mesmo tempo se materializar naquele espaço em que estava inserido como um todo. Mas é algo forçado, Fabiano reconhece que não merece

tamanho sofrimento, pois, também se via como um homem. No pensamento dele, existe um forte dilema entre ser homem e ser animal, como pode ser observado no trecho a seguir:

– Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

– Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. (RAMOS, 1978, p. 19/20).

Ao longo do romance, todas as vezes em que Fabiano afirma que é um homem, colide com as vezes em que ele diz ser um bicho, portanto, um ciclo de contradição. Com isso, tal processo de humanidade *versus* animalidade coexiste dentro do próprio pensamento e da personalidade do personagem. No entanto, esse quadro de animalização pode ser enxergado, também, nas atitudes praticadas pelos demais personagens, como pode ser visto no seguinte trecho:

Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinha Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensangüentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo. (RAMOS, 1978, p. 14).

Diante disso, o homem e o animal se igualam a um único nível. Vale ressaltar que durante toda a narrativa o homem desce à condição de animal, e o animal chega ao nível humano. A cachorra da família tem nome próprio, enquanto os filhos de Fabiano vivem em estado de anonimato. A perspectiva de sonho é tão mínima a ponto de Sinhá Vitória desejar, ao menos, ter uma cama de couro igual a de seu Tomás da bolandeira; para ela, isso era o ápice da vida. Portanto, toda a miserabilidade que perdura em *Vidas Secas* faz com que o homem se enxergue como um bicho. O cenário, a fome, a sede, o trabalho bruto como o de animais, a seca, etc. Todos estes aspectos contribuem para se ter a ideia de que o homem se animalizou e passa a viver sob condições sub-humanas de sobrevivência.

5.2 Sinhá Vitória: o ser que sonha em meio a opressão

Mesmo sem muita instrução de vida, Sinhá Vitória era a fonte de admiração de Fabiano, seu esposo, pois, embora ambos vivessem no mesmo espaço pobre, flagelado e ressequido, ela ainda tinha sonhos, perspectivas, e era quem unicamente “dominava” as palavras naquela humilde família, sendo estas duas vantagens superiores a Fabiano que mal se expressava e muito menos tinha sonhos. No pensamento dele, caso fosse alfabetizado, provavelmente não viveria naquela tamanha situação de miserabilidade, pois, continuamente vivia a mercê de alguém que era, ou se achava superior a ele.

Como dito, Sinhá Vitória era uma mulher sonhadora, que apelava a uma vida digna e que, talvez, seu maior sonho seria mesmo dormir em uma cama de couro igual a de seu Tomás. É importante dizer que Fabiano, por ser um homem extremamente rude e ignorante, ora concordava com essa perspectiva de sua esposa, ora discordava, pois, “[...] mulher é bicho difícil de entender [...]” (RAMOS, 1978, p. 42). Mas, com tudo isso, a admiração que ele tinha pela esposa perdura em todo o romance.

É obvio que Sinhá Vitória acostumou-se a viver naquela vida miserável juntamente com seu esposo e filhos, mas, isso não a impedia de sonhar. Para ela, “[...] seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas [...]” (RAMOS, 1978, p. 42). Diante disso, percebe-se que o sonho nunca é apagado do pensamento de Sinhá Vitória, e embora as condições fossem quase impossíveis, ela não deixa de buscar uma possível concretização para ela e para os seus.

Percebe-se em outro trecho uma espécie de simpatia:

Jogou longe uma cusparada, que passou por cima da janela e foi cair no terreiro. Preparou-se para cuspir novamente. Por uma extravagante associação, relacionou esse ato com a lembrança da cama. Se o cuspo alcançasse o terreiro, a cama seria comprada antes do fim do ano. Encheu a boca de saliva, inclinou-se – e não conseguiu o que esperava. Fez várias tentativas, inutilmente. O resultado foi secar a garganta. Ergueu-se desapontada. Besteira, aquilo não valia. (RAMOS, 1978, p. 44).

Partindo para outro ponto, mais precisamente no capítulo intitulado “O Mundo Coberto de Penas”, percebe-se Fabiano admirado e ao mesmo tempo confuso com a forma em que Sinhá Vitória usa uma metáfora para dizer que os urubus, animais de penas, estavam matando o gado:

[...] O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado.

Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, jugou que ela estivesse tresvariando.

[...] impossível compreender a intenção da mulher. Não atinava. Um bicho tão pequeno! Achou a coisa obscura e desistiu de aprofundá-la.

Como era que Sinha Vitória tinha dito? A frase dela tornou ao espírito de Fabiano e logo a significação apareceu. As arribações bebiam a água. Bem. O gado curtia sede e morria. Muito bem. As arribações matavam o gado. Estava certo. Matutando, a gente via que era assim, mas Sinha Vitória largava tiradas embaraçosas. Agora Fabiano percebia o que ela queria dizer. Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de Sinha Vitória. (RAMOS, 1978, p. 115, 116).

Faz-se necessário observar como Fabiano lida com a situação e a forma como ele observa a esposa que faz a metáfora em um modo poético, mesmo que sujeitos a uma linguagem simples. Calado diante da situação ele observa as aves e mesmo assim não consegue interpretar o que a esposa quis dizer, mas, de tanto pensar e raciocinar sobre qual seria o real significado da fala de Sinhá Vitória, ele chega a uma conclusão e compreende o que ela quis falar, o que conseqüentemente desperta ainda mais sua admiração pela companhia de vida.

Sem dúvida alguma, Fabiano queria ao menos ter a capacidade de percepção de mundo que a esposa tinha, mas, as intempéries da vida o tornaram esse ser pobre tanto de vida, quanto de conhecimento. Portanto, entende-se que Sinhá Vitória mesmo vivendo em um espaço oprimente e sem perspectiva nunca deixa de sonhar, se tornando assim a pessoa mais equilibrada daquela família de retirantes.

5.3 O silêncio em *Vidas Secas*: Fabiano e o seu grito interno

Vidas Secas é um romance em que o narrador “fala” pelos personagens. Em outras palavras, é o narrador quem deixa claro os pensamentos daqueles que pouco (ou quase nunca) falam. Para entender esse pensamento pode-se afirmar que a linguagem do romance deste estudo acontece a partir daquilo que podemos chamar de “silêncio dos personagens”, e isso está atrelado à técnica que Graciliano Ramos usa para construir um forte discurso através de um personagem que pouco sabe se expressar. Visto isto, percebe-se ao longo do romance a forma como o personagem Fabiano se posiciona em meio às circunstâncias que são lhe impostas, cabendo, muitas vezes, o silêncio como única resposta.

Desta maneira, tem-se a noção do que, de fato, Graciliano Ramos quis passar ao leitor quando escreveu *Vidas Secas*. Fabiano, como já dito em outras palavras, é o personagem que pouco sabe dialogar; afinal de contas, quando ele se submete a isso, raramente consegue, visto ser ele um homem de pouco conhecimento da língua, usa gestos para se comunicar ao invés das palavras. Percebe-se também ao longo da narrativa a falta de conversas e diálogos, não existindo uma comunicação de modo “normal”, e por essa razão cabe ao narrador, na maioria das vezes, dar voz aos personagens, bem como proporcionar ao leitor os pensamentos e os sentimentos dos sujeitos do romance.

Partindo para outro ponto é necessário dizer que o pouco uso das palavras, principalmente focando no personagem Fabiano, está ligado inteiramente à falta de conhecimento da própria língua. Fabiano, por admirar tanto o seu Tomás da bolandeira, reconhece que se soubesse ao menos falar direito, talvez não estaria submetido a tanta humilhação, mas, ele também se contradiz nesse pensamento, pois, para ele, a desgraça viria para todos, independente de ter conhecimento ou não. “[...] Fabiano, muitas vezes dissera: – ‘Seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, Seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros. ’ [...]” (RAMOS, 1978, p. 23).

Fabiano e sua família viviam em um espaço literalmente pobre, privados dos mínimos direitos possíveis de qualquer ser humano, como, por exemplo: a liberdade da palavra.

Em um trecho muito importante, ou talvez o mais importante da narrativa, pode-se observar uma espécie de “diálogo” empobrecido que explora justamente a força do silêncio de Fabiano com o soldado amarelo, autoridade daquele lugar, no momento em que esse ser autoritário o oprime. Certo dia, Sinhá Vitória pede a Fabiano, seu esposo, para ir até a cidade comprar algumas coisas que estavam faltando em casa, mas, ele vai por outro caminho e por desobediência gasta todo o dinheiro com jogo:

[...] Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano: – Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro?

[...] – Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contato, etc. É conforme.

Levantou-se e caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia.

[...] os dois homens sentaram-se, o soldado amarelo pegou o baralho. Mas com tanta infelicidade que em pouco tempo se enrascou. Fabiano encalacrrou-se também. Sinhá Vitória ia danar-se, e com razão.

– Bem feito. Ergueu-se furioso, saiu da sala, trombudo.

– Espera aí, paisano, gritou o amarelo.

[...] A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão. Não achando pretexto, avizinhou-se e plantou o salto da reíúna em cima da alpercata do vaqueiro.

– Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente.

O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá.

– Toca pra frente, berrou o cabo.

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. (RAMOS, 1978, p. 29, 32).

No trecho acima pode-se perceber claramente a forma em que Fabiano é submetido a prisão por simplesmente não saber se defender, isso por conta do silêncio que o domina e não o deixa se expressar, levando em consideração que isso não está ligado somente pelo fato de Fabiano não saber falar direito, mas, justamente pela pressão que ele pegara de surpresa naquele momento. Neste sentido, como o homem poderá se expressar se lhe é tirado o direito de voz? Como Fabiano poderia se defender se a única voz que soava era em sua mente? Como o grito de Fabiano poderia ser ouvido se o mesmo não tinha direito à liberdade da palavra?

No seguinte fragmento, percebe-se por meio da fala do narrador, Fabiano se questionando silenciosamente e mentalmente sobre a atrocidade que o soldado amarelo havia cometido com ele, tentando entender qual era o real motivo que levou a autoridade a cometer tamanho crime:

[...] Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, embatucara. Quem não ficaria azuretado com semelhante despropósito? Não queria capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para ele. [...] Então por que um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. (RAMOS, 1978, p. 35).

É possível enxergar que Fabiano além de não saber se expressar, não consegue se defender. Ele não aceita a situação, cria vozes e pensamentos sobre o ocorrido, mas, não consegue fazer nada para provar a sua inocência, e assim o silêncio vai perdurando em todo o romance. No primeiro momento Fabiano discorda da situação que ele está submetido, pois, tem consciência de sua inocência, mas, isso muda no segundo momento quando ele passa a entender que a vida era basicamente aquilo, que a violência e a injustiça sempre viriam, e que ele deveria acostumar-se com tudo. Neste sentido, tem-se a noção do dilema no pensamento

de Fabiano, onde ora vê a sua inocência, ora aceita a situação por saber que sua voz nunca seria ouvida.

Fabiano reconhece que em sentido de posição social, ele era inferior a todas aquelas pessoas que o cercava, e este provavelmente é o motivo pelo qual Fabiano nem ousava se expressar por saber que estava abaixo dos demais, o que conseqüentemente não dariam direito à voz para aquele pobre e miserável retirante. Sabe-se, também, que existia uma voz interior em Fabiano que busca compreender todos os problemas, mas, essa voz é rebatida, censurada e calada antes mesmo de ser ouvida. Sendo assim, o silêncio vence mais uma vez.

No capítulo intitulado “Contas”, percebe-se outro episódio em que Fabiano se submete ao silêncio como melhor forma de resolver um problema entre ele e o patrão, dono da fazenda em que ele trabalhava:

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos. [...] Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia. [...] Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinha Vitória [...] sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinha Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros. [...] Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria! O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda. Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. (RAMOS, 1978, p. 98, 99).

No trecho citado, percebe-se novamente Fabiano sendo submetido à humilhação por não saber falar direito. O patrão sabendo que Fabiano era homem fraco, que não sabia se expressar, aproveitava-se da situação para não pagar a quantia que Fabiano tinha direito por ter trabalhado duro na fazenda. O sertanejo confiava nas contas da mulher, pois, sabia que ela tinha “miolo” para tal situação, o que livraria ele de ser enganado mais uma vez, mas, de fato, não foi o que aconteceu. Fabiano até chegou a reclamar, mas, o patrão, por ter o poder em mãos, impôs que o retirante procurasse outra fazenda para trabalhar, e em mais um episódio Fabiano pede desculpas por aquilo que ele não tinha culpa alguma.

Mais uma vez se enxerga o silêncio dominando aquele pobre e miserável. Obviamente, se Fabiano soubesse se expressar e sustentar a hipótese de que ele estaria certo, não passaria

outra vez por tamanho constrangimento. Ele aceitou a situação por saber que não teria onde morar com a esposa e os filhos, conseqüentemente se sujeitando a ser futuramente enganado mais vezes. Assim, observa-se:

[...] Fabiano também não sabia falar. As vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira. Não podia arrumar o que tinha no interior. Se pudesse... Ah! Se pudesse, atacaria os soldados amarelos que espancam as criaturas inofensivas. (RAMOS, 1978, p. 39).

Seu silêncio é a prova evidente que as palavras possuem um poder mágico, e talvez se soubesse se expressar, viveria ao menos uma vida digna. Fabiano não sabia falar e isso o impedia até mesmo de ver o mundo em outro ângulo. Por outro lado, a impossibilidade de Fabiano argumentar em meio aos problemas da vida é o que lhe torna esse ser miserável. É o silêncio que o torna um homem embrutecido, levando em consideração que o espaço em que ele vive contribui de forma direta para a secura de palavras e para o silêncio que toma o lugar de sua voz. Fabiano sempre se calará diante das peripécias da vida, pois, o silêncio sempre terá mais espaço que a voz naquele cenário pobre e ressequido.

Esse silêncio talvez seja uma forma de Fabiano defender a si e a sua família, pois, na maioria das vezes em que ele tenta se expressar, acaba sendo humilhando e até mesmo pisoteado por aqueles que, por um instante, são superiores a ele. O silêncio, para ele, passa a ser uma espécie de arma. Visto desta maneira:

[...] Nem lhe restava o direito de protestar. Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia com a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos. Para onde? Hem? Tinha para onde levar a mulher e os meninos? Tinha nada! (RAMOS, 1978, p. 101, 102).

Entende-se que Fabiano se submete à condição de ser humilhado por saber que em plena seca seria quase impossível arranjar outro local de trabalho. Ele se cala diante do problema, mas, ecoa um grito de socorro em sua mente; um grito que não pode ser ouvido por ninguém, somente por ele mesmo.

Portanto, pode-se afirmar que aquela pobre família de retirantes perdeu a liberdade da palavra no momento em que lhe é tirado seus direitos. A família de Fabiano vive um processo de completa miserabilidade, portanto, desprovida da proteção do Estado. É visto que os retirantes não possuem educação, escola, moradia, e até mesmo a liberdade da palavra,

sujeitos a viver em um local de desconforto e sem amparo em um país que se diz ser democrático.

Através do discurso indireto livre do narrador, percebe-se por várias vezes o pensamento de Fabiano afirmando que se soubesse ao menos falar direito e escrever, conseguiria discutir com o patrão que estava lhe roubando nas costas. Através disso, se vê Fabiano compreendendo toda a humilhação à qual é submetido, mas, o mesmo não consegue externar através das palavras o seu pensamento, e o silêncio toma posse mais uma vez. Se ele não possuía a liberdade da palavra e não podia falar livremente como outras pessoas, como ele se enxergaria como sujeito na sociedade? Se lhe faltam as palavras e a voz, faltam-lhe também as condições necessárias para se enxergar como um sujeito.

Fabiano era homem simples, pobre e inocente. “[...] Às vezes dizia uma coisa sem intenção de ofender, entendiam outra, e lá vinham questões. [...] O único vivente que o compreendia era a mulher. Nem precisava falar: bastava os gestos.” (RAMOS, 1978, p. 104).

Neste sentido, o silenciamento de Fabiano é caracterizado como uma armadura que protege ele e a família da injustiça social, mas, ao mesmo tempo uma armadura frágil. Se ele cala, é submetido à humilhação; se fala, não é ouvido e, ainda por cima, desprezado.

A vida de Fabiano era uma vida seca, uma vida nua, uma vida sem vida. Se alguém matasse Fabiano, quem sentiria falta? Quem choraria por ele? Quem reivindicaria seus direitos mesmo depois da morte? Ninguém! Nem mesmo Sinhá Vitória, pois, ninguém daria ouvido a voz de uma pobre mulher retirante, suja e fomenta.

Segundo o ditado popular, “quem cala, consente”, mas, esse não é o caso de Fabiano. O seu silêncio em *Vidas Secas* não tem nenhuma relação com consentimento das coisas. Ele se cala por não ter espaço para sua voz, por saber que sua voz não seria ouvida; ele se cala por medo das injustiças, da violência e do abuso daqueles que por um instante são superiores a ele. Ele tem voz, mas, uma voz interior que não pode ser ouvida por ninguém. Por tudo isso, Fabiano se cala.

6 CONCLUSÃO

Vidas Secas, de Graciliano Ramos, se tornou, ao longo do tempo, uma obra marcante por demonstrar de forma fiel os problemas e os dramas sociais de uma família de retirantes que se sujeita a se mudar de tempos em tempos por conta da seca que a persegue. Dessa família faz parte a cachorra Baleia, personagem bastante significativa na obra pela forma em que é tratada ao longo do romance, sendo, muitas vezes, considerada mais humana que animal. É a cachorra Baleia a responsável por mostrar o grau de animalidade da família de retirantes. Entretanto, entende-se que o significado maior do título do romance, *Vidas Secas*, dado por Graciliano Ramos, não está ligado somente na seca ou na aridez do sertão nordestino, mas, uma denúncia social em volta de um título que propicia usar os personagens “secos” para revelar problemas de uma sociedade que se diz democrática. Trata-se de uma obra inserida na segunda fase do modernismo, conhecida também como geração de 30, que traz inúmeros aspectos regionalistas, mais precisamente da região Nordeste. Conforme afirma Alfredo Bosi (2006, p. 392), *Vidas Secas* é considerado um “[...] romance de tensão crítica. O herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social.”

A fim de desenvolver a temática desta pesquisa de natureza bibliográfica, buscou-se analisar os inúmeros aspectos da realidade sertaneja presentes em *Vidas Secas*, bem como o silêncio de Fabiano, o seu processo de animalização em meio a seca nordestina e o contexto histórico em que a obra está inserida. Entretanto, é necessário frisar que *Vidas Secas* possui estudos exaustivos que a analisa, mas, é importante dizer, também, que sempre existirá possibilidades para novas pesquisas. Diante disto, tal pesquisa e o problema aqui exposto, que por ora finaliza-se, ainda possibilita novas interpretações, visões e novos estudos, o que consequentemente tornará a obra sempre renovada e relevante para o meio acadêmico.

É importante destacar a relevância do método descritivo também utilizado na metodologia da pesquisa como forma de explorar as descrições dos ambientes e personagens inseridos na obra, pois, é exatamente o alto grau de qualidade estética possibilitada pelo método descritivo que faz com que a narrativa se torne abundantemente rica no que diz respeito ao ambiente e aos personagens.

Pode-se dizer que os problemas perduram em *Vidas Secas* como um ciclo que não chega ao fim. O primeiro e o último capítulos se tornam um só, pois, a narrativa inicia-se com uma mudança e se finda com uma fuga, sendo assim, conclui-se que a família de retirantes não consegue alcançar os objetivos que busca. Outro ponto importante está ligado ao meio em que o homem está inserido e como isso interfere na vida dos personagens. Em consequência

de tudo isso, existe o silêncio em *Vidas Secas*, que na verdade não é um silêncio, mas, um grito. Um grito de socorro daquela família de retirantes. Um grito que é descartado e insignificante para as autoridades. Um grito que é censurado antes mesmo de ser externado. Um grito de denúncia social de Graciliano Ramos que coloca os seus personagens fictícios como cobaias nesse processo, tudo por meio do silêncio. Sendo assim, fica evidente a opressão social que gira em torno de Fabiano e sua família, personagens fictícios da obra, mas, que representam a vida e o espaço de muitos seres humanos que atualmente vivem em extrema miserabilidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro (1857-1945)**. Rio de Janeiro: Copbooks, 1999.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAYNER, Sônia. **Graciliano Ramos: Seleção de Textos – Coleção Fortuna Crítica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BRUNACCI, Maria Izabel. **Graciliano Ramos: um escritor personagem**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

CANDIDO, Antônio. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão: Ensaios Sobre Graciliano Ramos**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHIAPPINI, Ligia. **Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 153-159, 1995.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. **A Literatura no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global Editora, 1997.

FRAZÃO, Dilva. **Graciliano Ramos – Escritor brasileiro**. ebiografia. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/graciliano_ramos/>. Acesso em: 16 de julho de 2020.

NEVES, M. da; PONTES, A. de. **Panorama do Regionalismo de 30**. Caderno João Pessoa, João Pessoa, v. 4, n. 6, p. 122, 2001.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira: prosa de ficção - de 1870 a 1920 -**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 40. ed. São Paulo: Record, 1978.

RAMOS, Graciliano. **Angústia - Posfácio de Otto Maria Carpeaux**. 39. ed. São Paulo: Record, 1993.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas – Posfácio de Álvaro Lins**. 40. ed. São Paulo: Record, 1978.

SILVEIRA, Joel. **Na fogueira: memórias**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.